

VIA TEOLÓGICA

Volume 24 – Número 47 – jun. / 2023

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

A PREGAÇÃO COMO TEOLOGIA PÚBLICA: UMA ANÁLISE DA HOMILÉTICA AGOSTINIANA

Me. Jonathan Batista Maximo Salgado



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A PREGAÇÃO COMO TEOLOGIA PÚBLICA: UMA ANÁLISE DA HOMILÉTICA AGOSTINIANA

The Preaching as Public Theology: An Analysis of Augustinian
Homiletics

Me. Jonathan Batista Maximo Salgado¹

¹ Doutorando em Teologia pela PUC-RJ, mestre em Teologia pela PUC-RJ, mestrando em Filosofia pela UFF, especialista em Teologia Sistemática Aplicada pela FABAPAR e pastor da Igreja Batista Memorial de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

RESUMO

A relação entre o púlpito e a realidade pública é mais estreita do que se costuma pensar quando o assunto é o papel social da Teologia. É verdade que tem quem pense na atuação do pastor como teólogo público, mas há pouca reflexão sobre a pregação ocupar esse lugar de diálogo entre a teologia e a esfera pública. Contudo, vemos essa prática pastoral em constante diálogo com a realidade social que a cerca. Jesus, no conhecido sermão do Monte, trata de temas como: pobreza, acúmulo de capital e justiça; Paulo, em seu sermão em Atenas, fala da relação da religiosidade com a configuração cidadina. Pensando nessa relação da pregação com o ambiente comum na história da fé cristã, vemos se destacar Agostinho de Hipona como teólogo que recorreu a seu púlpito no exercício de sua teologia em diálogo com a sociedade. Este foi pastor de uma igreja local, pregou semanalmente para sua comunidade e nos lega inúmeros sermões. Percebe-se na leitura de sua prédica o papel público de sua teologia. Neste trabalho, planejamos analisar essa relação da pregação agostiniana e seus diálogos teológicos com a realidade social que estava inserida. Esperamos colaborar com a crescente reflexão sobre Teologia Pública do universo protestante, pois Agostinho foi influente na vida e nos pensamentos dos principais reformadores, assim como com a pregação como ferramenta para o diálogo teológico-social.

Palavras-chave: Agostinho. Teologia Pública. Homilética. Pregação.

ABSTRACT

The relationship between the pulpit and the public sphere is closer than is commonly thought when it comes to the social role of Theology. It is true that some consider the pastor's role as a public theologian,

but there is little reflection on preaching occupying the position of dialogue between theology and the public sphere. However, we see this pastoral practice in constant dialogue with the social reality that surrounds it. In the well-known Sermon on the Mount, Jesus addresses topics such as poverty, the accumulation of wealth, and justice. In his sermon in Athens, Paul speaks about the relationship between religiosity and the urban context. Considering this relationship between preaching and the common environment in the history of the Christian faith, we see Augustine of Hippo standing out as a theologian who turned to his pulpit in the exercise of his theology in dialogue with society. He served as a pastor of a local church, preached weekly to his community, and left us with numerous sermons. Through the reading of his sermons, we can perceive the public role of his theology. In this work, we plan to analyze this relationship between Augustine's preaching and his theological dialogues with the social reality in which he was immersed. We hope to contribute to the growing reflection on Public Theology in the Protestant universe since Augustine was influential in the lives and thoughts of the main reformers, as well as in preaching as a tool for theological and social dialogue.

Keywords: Augustine. Public Theology. Homiletics. Preaching

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a pregação, normalmente, orbita sua relação com a vida litúrgica e prática da Igreja, seus cultos, cerimônias especiais, discipulado, aconselhamento, mas com pouca percepção para além desse ambiente eclesiástico. Mesmo que seja um fato empírico que a pregação é uma prática pensada para a igreja e suas demandas, para seus membros e suas necessidades espirituais, isso não significa que essa ação não tenha impacto na sociedade e na realidade pública, que a teologia

transmitida por essa via não tenha reverberações muito maiores que outros mecanismos de divulgação teológico-pública, pois a capilaridade de sua mensagem transcende a realidade da experiência eclesial. O pregador é um teólogo público, pois lida com pessoas que ouviram e ouvirão seus sermões semanais e vão tentar viver o ensino na ordinariedade da vida. O púlpito é o espaço bíblico teológico que encontra as demandas do povo de Deus que irá viver seus ensinamentos em suas realidades sociais.

A força pública da pregação destaca-se até na oposição social que sofre contemporaneamente. Stott (2003) sinaliza uma crescente disposição antiautoridade que repercute na prática homilética. Os pregadores estão lidando com uma desconfiança grande, pois sua fala está carregada da autoridade que vem das Escrituras como Palavra de Deus. Contudo, essa desconfiança e oposição não devem silenciar o papel teológico-público da prédica. Os pregadores devem lembrar da relevância do Evangelho (STOTT, 2003) para o mundo e não se envergonhar dele (cf. Rm 1.16).

Por isso, a reflexão que se pretende empregar é uma análise do pensamento e prática de Agostinho de Hipona sobre a pregação e sua relação com o ambiente público. Mesmo que o termo “teologia pública” tenha um uso que data do final do século XX (SINNER, 2011) e as definições sejam muitas, adotamos em nosso texto a compreensão de Vanhoozer e Strachan (2016, p. 39), em que é “Viver bem para Deus – isto é, esforçando-se para que a ordem criada seja renovada em Cristo – não pode ser outra coisa que não teologia pública”, o que amplia nossa observação para além da popularização do termo, pois os cristãos sempre buscaram viver bem para Deus. Mais importante do que essa definição é a de pastor como teólogo público, Vanhoozer e Strachan (2016) veem o seu papel como um desenvolvedor e edificador de pessoas, que, por sua vez, colaborará na sociedade como corpo de Cristo, casa de Deus. Nesse ponto, a figura de Agostinho destaca-se como um pastor local, que colaborou para

a realidade social por meio de suas exposições bíblicas. Com propósito didático, sinalizamos dois aspectos de sua prática homilética, a saber: sua teologia para a pregação e seu pensamento prático sobre pregação, tentando correlacionar com a ideia de a pregação ser um espaço de teologia pública.

I. SUA TEOLOGIA DA PREGAÇÃO

Antes de entramos no pensamento teológico de Agostinho sobre a pregação em si, devemos destacar um componente importante de suas convicções teológicas, o elemento moral. Para o agostinólogo Moriones (2022), a teologia de Agostinho tem muitas dimensões, sendo uma delas a moral. A beatitude, buscada pelo cristão, segue o caminho afetivo da caridade expressado moralmente em sua realidade. Sua teologia carrega uma preocupação prática, há reflexo dogmático na vida hodierna daquele que teme a Deus. A vida cristã, por mais que tenha uma grande base em sua cosmogonia, não implica abstração da realidade. A vida cristã é encarnada. O discípulo de Jesus Cristo busca um modelo de vida que expresse a santidade de seu Senhor.

Acrescenta-se a isso a relação do elemento doutrinário com a pregação. Sanlon (2014) diz que: “Agostinho foi uma das primeiras pessoas a escrever sobre a relação entre doutrina e pregação. Ele o fez como um praticante e teólogo”. A teologia nunca está separada de sua prática homilética, suas exposições eram carregadas de elementos teológicos que orientavam para a vida. O bispo de Hipona valoriza seus períodos de estudos e aprofundamento nas Escrituras e reverberava isso em suas homilias para os membros de sua comunidade.

Existe uma união inegável entre a pregação bíblica e o ensino doutrinário. Qualquer exposição que seja feita é carregada da teologia do seu expositor, sendo fundamentada em uma tradição teológica robusta ou não. Todo ouvinte de uma pregação está sendo submetido a um ensino teológico que está tentando

cativar sua atenção e seu coração. A recomendação de Paulo para Timóteo demonstra a relação da pregação com o ensino. “Até a minha chegada, dedique-se à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino” (1Tm 4.13, NVI). Contudo, o que está sendo ensinado nas igrejas contemporaneamente não tem tido a robustez teológica que se espera daqueles que carregam a mesma responsabilidade de Timóteo. O retorno a Agostinho como modelo de pregador teólogo pode ajudar no melhoramento da prédica atual.

Sobre sua compreensão teológica acerca da pregação, devemos destacar algumas coisas. Primeiro, Agostinho compreende a Bíblia Sagrada como o “livro da verdade, é ela tudo, e para todos, o suficiente. E o livro de Deus, [...], merece ilimitada confiança” (OLIVEIRA, 2022, p. 29). Suficiência para que o ser humano tenha uma vida beatífica. Essa convicção teológica que marca sua pregação:

96

[...] a adoção de uma maneira de discurso simples e pessoal eram profundamente teológicas. Isso decorria de sua convicção de que Deus amava e se importava com seus ouvintes, independentemente de sua posição social ou conhecimento. Surgia de sua crença de que o mesmo Deus que falava a um pregador erudito por meio das Escrituras também se dirigia ao ouvinte que se levantava para ouvir um sermão de um livro que ele nunca poderia comprar (SANLON, 2014, p. 19).

Esta foi uma marca teológica e estilística de sua prédica. O bispo de Hipona tinha uma preocupação muito grande com a boa recepção da Palavra de Deus para sua comunidade, pensando em todas as realidades sociais. “Agostinho prosseguiu em sua vida expendendo sua carreira como presbítero e bispo, estudando, expondo e defendendo as Escrituras, jamais perdendo sua convicção da autoridade divina delas” (SMITHER, 2012, p. 132).

Esse primeiro ponto teológico é fundamental para o segundo, que é sua compreensão teológica da própria pregação.

Para ele, a pregação como meio de exposição das Escrituras tinha o poder de reorientar os desejos humanos (SANLON, 2014). A graça transmitida na exposição do texto bíblico era capaz de redirecionar a vontade humana caída, para a vontade de Deus, o que por sua vez reverberava na vida do ouvinte e do pregador. Disso decorre um dever moral do pregador, nas palavras de Agostinho: “O pregador é o que interpreta e ensina as divinas Escrituras. Como defensor da fé verdadeira e adversário do erro, deve mediante o discurso ensinar o bem e refutar o mal” (*doc. Chr.* IV, 4, 6). Esse dever moral, no ensino, implicava o dever moral prático. Isso está de acordo com seu pensamento teológico sobre a cidade de Deus e a cidade dos homens, pois, à mediada que o ser humano vai aderindo a Cristo, ele consegue levar uma vida virtuosa, que é a representação da cidade celeste na cidade dos homens (FORTIN, 2019).

A vontade é um ponto importante em sua teologia, pois expressa o profundo do ser humano. Para ele, “o movimento livre da alma para adquirir ou para evitar algo é a vontade. Logo, todos os movimentos da alma dependem da vontade” (GILSON, 2010, p. 253). A orientação da vontade humana para Deus se dá por meio da graça, por meio da caridade, para ele “é o amor pelo qual se ama o que se deve amar” (GILSON, 2010, p. 261). Esse amor vem de Deus, que é a própria caridade, é um dom. A Escritura como revelação desse Deus amoroso e gracioso é fundamental para esse crescimento moral do cristão, o que, por sua vez, evidencia-se na reflexão sobre a pregação, a qual é a exposição da Palavra que fala desse Deus amoroso que reorienta a vontade humana caída.

Isso leva Agostinho a ter uma alta consideração pelo ministério pastoral. Escrevendo para Jerônimo, sobre por que não se envolvia com certos assuntos linguísticos, ele diz: “Tudo o que possuo nesse conhecimento devo empregar [...] no serviço do Senhor. E as obrigações eclesiásticas me impedem completa-

mente de me entregar a outros estudos com maior dedicação do que a exigida pela pregação ao povo”² (AGOSTINHO, 404).

Essa consideração implica uma moralidade elevada para vida do ministro da Palavra. Uma excelente exposição nasce de uma vida que foi e é constantemente confrontada pela Palavra de Deus. O pregador da Igreja, antes de anunciar a sua mensagem, ou melhor, a mensagem de Deus para o povo, foi marcado profundamente pelas palavras que estudou para partilhar com sua comunidade. A vida do ministro do Evangelho como algo que foi transformado pela voz de Deus não é somente uma recomendação do bispo de Hipona, mas também se faz sentir pelo Papa Francisco em sua encíclica, a *Evangelii Gaudium* (EG, 135). Pensando sobre isso, Alvarenga (2021, p. 163), escreve: “Uma boa pregação exige, a princípio, que o homileta seja apaixonado pela Palavra, familiarizado com ela e disposto a ser tocado e transformado por ela.” Esse “apaixonamento” pela Palavra é refletido para a congregação. Ele continua: “Sendo a homilia “um certo autorretrato da alma do pregador” e “o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo”.

Vale destacar a percepção de Baltazar (2020, p. 50):

Agostinho faz uso de sua formação como retórico e filósofo para propor sua prática como uma retórica cristã que utiliza todo o potencial do uso da palavra para pregar a verdade de Cristo. A palavra (sermão) será o modo privilegiado humano para a experiência de Deus. Praticar a palavra, fazer sermões e escrever livros será a maneira pela qual Agostinho realiza e tenta manter e disseminar sua forma de experiência do princípio do real e do cumprimento humano, que, em todo caso, é Deus. A essa nova forma de prática da palavra, O’Donnell chama de retórica sacramental. A prática da palavra, do sermão,

2 Texto original: *Todo lo que poseo de esa ciencia tengo que emplearlo sin tino en el pueblo de Dios. Y las ocupaciones eclesiásticas me impiden en absoluto el entregarme a otros estudios con mayor diligencia que la que reclama la predicación al pueblo.*

no mundo cristão é um sacramento, um sinal perceptível (no grafema ou fonema) do vínculo invisível com Deus.³

A importância da pregação para Agostinho é marcante, assim como ganha certa importância o ministro por sua estreita relação com a Palavra de Deus. Quando pensamos nas implicações públicas da reflexão agostiniana, principalmente, pelo papel público que o pregador ocupa, somos desafiados a pensar o modelo de ministério que hoje tem surgido, de modo especial com a capilaridade da fala evangélica, por meio de seus púlpitos, no cenário público.

2. PREGAÇÃO COMO EXPOSIÇÃO TEOLÓGICA

Posto a reflexão teológica sobre a pregação e certas implicações, destacamos a prática do bispo de Hipona sobre a pregação. Para isso, exploraremos a proposta de estilos retóricos elaborados por Agostinho em sua obra, *De doctrina Christiana*, a saber: estilo simples, moderado e sublime. Contudo, acrescenta-se o elemento apologético, característico de sua pregação, mencionado, também, na obra supracitada.

O primeiro estilo retórico apresentado na obra é o estilo simples, nas palavras de Agostinho: “um discurso em estilo simples se propõe resolver as mais difíceis questões e demonstra-as de modo adequado” (*doc. Chr. IV, 27, 56*). Sua principal função é a instrução, a catequese do ouvinte. Para nossa reflexão, destaca-se a percepção de Agostinho de que esse modelo é capaz de

3 Texto original: *Agustín hace uso de su formación como rétor y filósofo para proponer su práctica como una retórica cristiana que conduce todo el potencial del uso de la palabra a la prédica de la verdad de Cristo. La palabra (sermo) será el modo privilegiado humano para la experiencia de Dios. Practicar la palabra, hacer sermones y escribir libros, será la manera en que Agustín realice e intente mantener y difundir su forma de experiencia del principio de lo real y de la realización humana que en todo caso es Dios. A esta forma nueva de la práctica de la palabra la llama O'Donnell retórica sacramental. La práctica de la palabra, del sermo, en el mundo cristiano es un sacramento, un signo perceptible (en el grafema o en el fonema) del vínculo invisible con Dios.*

mudar a vida de muitas pessoas (*doc. Chr. IV, 25, 54*). A instrução clara, por vezes, é capaz de reorientar a vida de uma pessoa para Deus sem a necessidade do convencimento, em outras palavras, sem a necessidade de aplicação do ensino.

Como já demonstrado, a preocupação do bispo de Hipona não é só com uma instrução para vida religiosa, mas para a vida como um todo. Em suas palavras, “É preciso instruir a fraqueza do homem e fortalecê-la contra as tentações e escândalos, seja no exterior, seja no interior da própria Igreja” (*Cat. Rud. VII, 11*). A prédica instrutiva ganha um lugar de fala pública, de instrução para além da vida religiosa, ou melhor, uma vida de piedade no cenário comum da sociedade.

Pensando nessa simplicidade e boa comunicação da pregação, ele insiste com a necessidade de clareza no discurso:

Devem [os oradores], em todos os seus discursos, trabalhar primeiramente, e, sobretudo, para se tornarem compreensíveis, pelo modo de falar mais claro possível. De maneira que somente um espírito muito lento não compreenda, ou, então, porque as questões que desejam esclarecer são muito difíceis e sutis. Mas que não seja por culpa de seu modo de comentar (*doc. Chr. IV, 8, 22*).

Por isso, a práxis na sua retórica é sua simplicidade na exposição, evitando ao máximo abstrações de difícil compreensão dos ouvintes (VIGINI, 2012). “Além de intelectual, preocupado com as grandes questões doutrinárias de seu tempo, Agostinho era bispo popular, que convivia com seu povo, que conhecia as suas ansiedades, sofrimentos e alegrias” (COSTA, 2014, p. 17). Esse cuidado pastoral e teológico instiga-nos a pensar na teológica pastoral, na teologia prática, de forma que a linguagem realmente acesse a população brasileira, com um nível educacional muito longe do ideal. Desejamos uma Teologia Pública, social, mas nossa linguagem não acessa boa parte da nossa sociedade.

Já o estilo temperado, ou moderado, tem a função de agra-

dar ou prender a atenção do ouvinte. Destacamos um elemento que Agostinho trata quando pensa nessa forma de exposição, o qual é a forma que “escutamos” antes de instruir. Escrevendo ao diácono cartaginense, Deogratias, recomenda esse estilo na sua catequese dependendo do cenário e do público (*Cat. Rud.* XIII, 19). Agostinho chega a recomendar cadeiras para os mais idosos e pessoas que chegavam de longos jornadas de trabalho. Sua compreensão do cenário social da comunidade é marcante desde sua acolhida na igreja até suas exposições. Isso, por si só, já é uma forma de Teologia Pública.

Agostinho deixa um alerta sobre esse modelo retórico, que está em seu uso distanciado da verdade. Ele comenta: “Os homens têm consagrado esforços ingentes para chegar à finalidade de agradar. Assim, conseguiram persuadir vivamente maus e desonestos, de tantas vilanias e indecências, as quais não só deveriam ser execradas” (*doc. Chr.* IV, 14, 30). O púlpito como lugar de Teologia Pública deve ser pensando, também, como um elemento problemático da comunicação teológica. Em um cenário nacional em que o espaço da pregação do texto Sagrado é ocupado pelo discurso político partidário, aumenta a necessidade de reflexão sobre o tema.

O último estilo apresentado por Agostinho é o sublime, que objetiva o convencimento, a readequação da vontade do homem à vontade de Deus. O pregador instrui de modo agradável para conduzir no final para uma expressão prática apresentada em sua exposição. Aqui é o lugar que a teologia do púlpito se transforma em prática na realidade do fiel. A reflexão teológica que surge da passagem bíblica lida encontra um público deseioso da orientação de Deus para sua realidade, para lidar com as demandas que surgem em seu emprego, suas famílias, vizinhança, com a vida.

Um exemplo que marca esse estilo retórico e seu impacto público é narrado por Agostinho a partir de uma experiência pessoal. Quando ele esteve em Cesareia da Maurítânia, pregou

para a população da cidade e dissuadiu de iniciar uma guerra civil (*doc Chr.* IV, 25, 53). Infelizmente, esse sermão não foi preservado. Mas deixa-nos um testemunho de como o diálogo do púlpito como espaço público pode repercutir na realidade social.

O papel apologético da prédica agostiniana é bem destacado em sua obra *De doctrina Christiana*, na qual ele diz (IV, 4, 6): “O pregador é o que interpreta e ensina as divinas Escrituras. Como defensor da fé verdadeira e adversário do erro, deve mediante o discurso ensinar o bem e refutar o mal”. Agostinho sugere uma pregação que defenda a fé, que promova o bem, assim como faça suas denúncias da maldade. Por isso, é comum identificar períodos de pregação apologética em seu ministério, lidando com os desafios teológicos do que também eram desafios sociais em sua época, como na controvérsia donatista, muitos dos sermões de Agostinho entre os anos 406 e 407 tratam desse assunto (SMITHER, 2012).

102

A apologética parece ter ficado restrita ao debate acadêmico de pouco alcance público. As pregações estão vazias da mensagem transformadora do Evangelho. Elas se assemelham mais a discursos moralistas, carregados de “pode” e “não pode”, não um discurso teológico rico, que muitas vezes confronta a cultura e suas ideologias dominantes. A pregação teológico-pública, bem fundamentada, precisa retornar ao lugar do qual ela nunca deveria ter saído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se este artigo com algumas inquietações que o pensamento de Agostinho deixa, sobretudo pensando no ambiente público brasileiro e o papel dos evangélicos, pois o cenário de desconfiança social é crescente e os pastores são notificados por conta de suas pregações.

A primeira inquietação está no tipo de pregação e teologias que ocupam os púlpitos brasileiros. A teologia pública na

pregação está acontecendo, inevitavelmente, toda vez que um líder religioso ocupa esse lugar de fala nas igrejas. O problema é o modelo teológico apresentado. Vanhoozer (2016) fala de uma separação entre o ambiente acadêmico, produtor de reflexão teológica robusta, e a igreja, que lida com as demandas diárias das pessoas. Se esse é o caso nacional, parece que sim, precisamos pensar em uma reconciliação da igreja e a academia, pensando o fortalecimento dos púlpitos como lugar de Teologia Pública.

A segunda inquietação está no papel do pregador. Que tipo de reflexão teológica temos feito sobre essa figura tão importante para a igreja e a sociedade? Será que essas pessoas não seriam uma ponte entre a teologia acadêmica e a realidade pública, assim como Agostinho foi em seu tempo? Precisamos avançar nesse diálogo. Os pastores devem retomar o protagonismo social que tinham no passado e a reflexão teológica profunda é necessária.

Portanto, a pregação sempre fará parte da vida da Igreja. Como o povo de Deus está inserido no mundo e se relaciona socialmente, a pregação sempre terá uma repercussão na ordinariade da vida e seus espaços de atuação. Ministros bem formados e fiéis na pregação da Escritura serão abençoadores para sua comunidade de fé, seus bairros, sua realidade social e até onde os seus ouvintes levarem a mensagem do Evangelho.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística).

AGOSTINHO, Santo. **Instrução dos catecúmenos**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2020.

AGOSTINHO, Santo. **Carta 73**. c2023. Disponível em: <http://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>. Acesso em: 19 jul. 2023.

ALVARENGA, Marcel Gustavo. Homilia e realidade: elementos constitutivos da pregação homilética. **Pesquisas em Teologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 158-171, jan./jun. 2021.

BALTAZAR, Alonzo Loza. Sermo: Variaciones y aggiornamento teológico-políticos del rétor de Hipona. **Revista Chilena de Estudios Medievales**, [s. l.], nº 18, 2020.

BÍBLIA Sagrada: Nova Versão Internacional: Antigo e Novo Testamentos. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. 2. ed. São Paulo: Vida, 2003.

CAVALCANTE, Roberto; SINNER, Rudolf von. **Teologia pública em debate**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 lições sobre Santo Agostinho**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. (Coleção 10 lições).

FRANCISCO, P. P. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. Brasília: CNBB, 2013.

FORTIN, Ernest L. **Agostinho através dos tempos**: uma enciclopédia. Coordenação geral de Allan D. Fitzgerald. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Filosofia medieval).

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

MORIONES, Francisco. **Teologia de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2022.

OLIVEIRA, Ir. Nair de Assis, csa. *In*: AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística).

SANLON, Peter T. **Augustine's Theology of Preaching**. Minneapolis: Fortress Press, 2014. E-book Kindle.

SMITHER, Edward L. **Agostinho como mentor**. São Paulo: Hagnos, 2012.

STOTT, John. **Eu creio na pregação**. São Paulo: Vida, 2003.

VANHOOZER, Kevin J. **O pastor como teólogo público**: recuperando uma visão perdida. São Paulo: Vida Nova, 2016.

VIGINI, Giuliano. **Santo Agostinho**: a aventura da graça e da caridade. São Paulo: Paulinas, 2012.